

Veja em www.tribuna.com.br

Design & Decor

Saiba explorar os ventiladores de teto
Existem inúmeras opções no mercado, desde peças básicas e simples até aquelas com diferentes acabamentos



Apólice

'Risco Uber' encarece seguro
Em alguns casos, os preços chegam a superar em 50% o de veículos particulares, de acordo com dados da ComparaOnline

Consumidor

Três bancos aumentam taxa de juros
As agências que ajustaram as taxas são o Banco do Brasil, Bradesco e Caixa Econômica. A taxa média foi de 13,46% ao mês

Alta de preço pode deixar o café salgado

Valor ao consumidor pode subir mais de 10%

SHEILA ALMEIDA
DA REDAÇÃO

O almoço do brasileiro já sofreu com a alta do feijão e agora o café da manhã deve ser comprometido. É que o preço do café promete disparar nos próximos meses, em todo o País. A alta esperada pode ultrapassar os 10%, de forma gradual. Mas não se sabe a partir de quando deve ocorrer.

O motivo é a condição climática inadequada desde o ano passado nas lavouras do Espírito Santo – principal produtor nacional. Com menos produto, a saca de café do tipo conilon subiu 40% no ano passado. No mesmo período, o custo final do café tradicional no supermercado aumentou entre 15% e 20%, explica Nathan Herszkowicz, diretor executivo da Associação Brasileira da Indústria de Café (Abic). “Ou seja, a indústria ainda tem um certo valor a repassar para o mercado”.

Em números, com a produção debilitada, a expectativa é de queda de 16% nesta safra, conforme a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Só no Espírito Santo espera-se 5,9 milhões de sacas contra 7,8 mi ano passado.

Além disso, com a saúde das árvores afetada, a produção de 2017 sofrerá também – amargando mais uma vez a segunda bebida mais consumida do Brasil. Aqui, o café só perde para a água. No País, segundo pesquisa da Abic de 2013, 80% dos brasileiros tomam café. E o consumo passou de 2,7 quilos de

café torrado por habitante no País ao ano em 1990, para 4,9 quilos ano passado.

O LADO BOM

Se o consumidor não sentiu o impacto no bolso ainda, pode ter sentido no sabor das xicaras. Segundo o diretor-executivo da Abic, o *blend* – misturas de grãos – está mudando há um bom tempo em função dessa alta de preços. A alteração pode agradar o cliente ou até diminuir o impacto dos custos.

Isso porque as indústrias que levam os cafés às prateleiras de supermercados comuns usam mais o café conilon. Ele é mais barato e é misturado com o grão do tipo arábica, mais caro – e que poderá ser mais usado, mudando o sabor.

“Há um ano as empresas vêm gradualmente alterando o *blend* para que consumidores não sintam alterações importantes. O consumidor não tem reclamado, tanto que o consumo cresceu 4,7% no último ano, o que é um número muito acima da expectativa da Abic, que esperava 2,5%”, diz Herszkowicz.

Para Eduardo Carvalhaes, diretor do Escritório Carvalhaes e presidente da Câmara Setorial de Café do Estado de São Paulo, com a mudança do sabor, uma tendência é que o consumo no Estado cresça. “O conilon é mais amargo e há uma fatia dos consumidores que gosta. O arábica é mais suave e acredito que o consumo no Estado tende a crescer”.



Aumento deve ser gradual e ocorre por causa das condições climáticas desfavoráveis no Espírito Santo – o maior produtor nacional de café

Nem “café com leite” vai ajudar

Com a alta do café, uma das opções para o consumidor fazer o produto render mais tempo na despensa seria misturar a bebida ao leite. O problema é que também ele está na lista dos alimentos com maior alta no mês passado. O litro subiu 10,16% em junho, só atrás do feijão carioca (que saltou 41,78%) e do feijão mulatinho (34,15%).

Na lista do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), a alta do leite foi de 96,99% em um ano. Representando juntos contribuição de 0,21% na composição, leite e feijão foram responsáveis por 60% do IPCA do mês.

E não foi só. O consumidor também sentiu alta nos derivados. A manteiga, por exemplo, teve aumento de 6,36%. Na comparação de 2015 para 2016, teve 57,37% de aumento nos supermercados.

Ou seja, além de o cardápio variar no almoço após a alta de 105,26% no feijão em um ano, agora será a vez de rein-

Driblando a alta de preços



“Tá feia a coisa. Estou indo a vários supermercados, procurando promoção”

Silvana dos Santos, 42 anos, doméstica



“Estou pegando marcas mais baratas ou juntando dinheiro e indo a atacados”

Andriely Gomes, 25 anos, auxiliar fiscal



“Em casa, tomamos menos leite e, em vez de arroz e feijão, é macarrão, sempre”

João Zito José dos Santos, 51 anos, aposentado

ventar o café da manhã.

Na lista, os outros alimentos que mais subiram foram chocolate em barra (5,20%), fubá (4,92%) e alho (3,54%).

Por enquanto, consumidores usam a criatividade na cozi-

nha – ou a economia mesmo.

Ilma Barros, doméstica de 46 anos, por exemplo, brinca: “A gente compra feijão preto ou come menos: ou tem no almoço ou na janta”, conta.

Natalia Bernadelli Santos,

de 31 anos, professora, agradece pela cesta básica que o marido recebe, mas sabe: “Antes, eu ia com R\$ 100,00 no mercado e voltava de carrinho cheio. Agora, com quatro sacolinhas”.